

Vingadores: Guerra Infinita | Crítica

Era dos heróis no cinema chega ao ápice com nova aventura da Marvel

A Marvel construiu um universo no **cinema** calcada na **capacidade** de adaptar e modificar **seus** personagens criados nos quadrinhos. A **noção** de que a mitologia inventada por Stan Lee, Jack Kirby e tantos outros teria que ser alterada, **sem** perder a **essência**, talvez tenha **sido** o ingrediente mágico na receita que hoje norteia Hollywood. Dez anos depois do pontapé **inicial**, o estúdio entregou nas mãos dos Irmão Russo a **missão** de encerrar o primeiro arco dos Vingadores. Guerra Infinita cumpre essa tarefa com êxito e se mantém fiel às características que fizeram a Marvel ser tão aclamada nos últimos anos.

Mais do que um filme de aventura ou ação, como a maioria de seus antecessores, **essa** empreitada dos heróis tem um **senso** de urgência muito maior. É um evento. Ou seja, os riscos são evidentes e impactantes. Tudo tem **consequência**. Para que isso **fosse sentido** pelo público, os roteiristas Stephen McFeely e Christopher Markus optaram por tornar o vilão Thanos o centro da história. Vingadores: Guerra Infinita é um filme carregado pelo inesperado carisma do antagonista, que tem motivações contextualizadas, críveis e se encaixa perfeitamente no **universo** apresentado - ele é cruel, misericordioso, tem senso de humor e é amável. Tudo **isso** se deve também a boa atuação de Josh Brolin como o titã, perfeitamente construído pela empresa de efeitos visuais ILM.

Essa persona de Thanos é construída a partir da busca pelas Joias do Infinito, as pedras que ilustram o título do filme. Nessa **incessante** procura, ele apresenta **facetas** e relações que o deixam mais **próximo** ao espectador, criando empatia a partir das atitudes que tem com coadjuvantes como Gamora. A **relação** dele com as filhas é o que norteia a trama de Guerra Infinita, e talvez seja o maior acerto da Marvel, que pela **segunda** vez acerta em cheio na construção emocional de um vilão - a primeira foi com Killmonger, de Pantera Negra. Os sentimentos e a **humanização** do personagem são apresentados sem pieguice e com diálogos simples, sempre visando o objetivo final da aventura e com a consciência de que o filme é um blockbuster sem pretensões filosóficas.

Com um inimigo **estabelecido**, resta aos diretores o desafio de **conciliar** tantos heróis na mesma história. E a competência mostrada em Guerra **Civil** é repetida aqui, em uma escala bem maior. Enquanto no último filme do Capitão os irmãos patinaram para entender como reverberar os problemas do dilema **central** (a briga entre Steve Rogers e Tony Stark), aqui todos os envolvidos são impactados de alguma forma. O núcleo dos Guardiões funciona perfeitamente com Thor, tanto na parte cômica quanto na dramática. A transformação do Deus do Trovão é notória, que finalmente encontra um caminho entre a comédia e **eloquência celestial**, continuando o que foi introduzido em Ragnarok.

O impacto terrestre é sentido pelo grupo liderado por Homem de Ferro, Homem-Aranha e Doutor Estranho, por mais que eles estejam em diversos lugares ao mesmo tempo. Robert Downey Jr. repete a ótima química com Tom Holland e mostra que pode funcionar bem com Benedict Cumberbatch. O trio também serve como lembrete da Batalha de Nova York e dos poderes das Joias, explicando o impacto que o poder de Thanos terá sobre o universo - além disso tudo, protagonizam uma das melhores **cenas** de ação da história da Marvel. É a **comprovação** de que os **Russo** evoluíram muito na hora de dirigir momentos abarrotados de efeitos especiais. A **sequência** utiliza os poderes de cada herói e no final entrega a **emoção** necessária para um evento do tamanho de Guerra Infinita.

O ritmo e a construção da narrativa só não são acompanhadas por Capitão América e Cia. Ainda que as cenas de ação em Wakanda **sejam** muito melhores do que as de Pantera Negra e a relação entre Feiticeira e Visão **funcione**, o roteiro tira todo o peso de Steve Rogers, Bruce Banner e T'Challa. Eles brilham em momentos de ação, mas pouco influenciam na história e por isso parecem sempre de lado, menos importantes perante ao que os outros heróis estão sofrendo. Como o cerne de Rogers no cinema era o conflito Stark, pouco sobra para questionar - o lado guerreiro de todos os **seus** companheiros é mais explorado do que o dramático. No fim das contas, o mais humano dos heróis se torna o menos interessante.

É admirável a capacidade de Guerra Infinita de tornar o vilão o melhor traço de um filme que tinha tudo para ser o palco principal dos heróis. Thanos rouba a

cena de forma inesperada, com personalidade e sem a loucura desvairada de vilões típicos. Há propósito, há justificativa e há alma em todas as palavras ditas pelo gigante roxo, que também **proporciona** aos heróis as cenas de **ação** que ficarão na memória do público por muito tempo. A Marvel entrega tudo que os fãs queriam, mostra **evolução** no tratamento de **seus** personagens e se mantém fiel à **receita** de entretenimento que a fez ser o ícone do cinema contemporâneo. Vingadores: Guerra Infinita é o evento prometido do início ao fim, e o começo de uma nova era no gênero de **super-heróis**.

Fonte:

ROMARIZ, Thiago. Vingadores: Guerra Infinita / Crítica. 2018. Disponível em:

<<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/vingadores-guerra-infinita-critica>>.